




PENTAGRAMA

Revista bimestral do LECTORIUM ROSICRUCIANUM *2006 número 3*

A UNIDADE DO MUNDO



A VERDADE É LUZ
A PEQUENA E A GRANDE REALIDADES
A UNIDADE DO MUNDO
DAG HAMMARSKJÖLD
A PULSAÇÃO DA TERRA
RESPOSTA À ERA DE AQUÁRIO
DESIDERATA
A VIA DO AMOR E DA UNIDADE
A ONIPOTÊNCIA
A CHAVE
CURRICULUM VITAE

PENTAGRAMA

A UNIDADE DO MUNDO

A unidade divina, da qual o ser humano é uma emanção, é, a despeito das circunstâncias, totalmente indivisível, mesmo fragmentada e dissimulada no interior do ser humano e da criação.

SUMÁRIO

- 2 A VERDADE É LUZ
- 3 A PEQUENA E A GRANDE REALIDADES
- 7 A UNIDADE DO MUNDO
- 10 DAG HAMMARSKJÖLD
- 14 A PULSAÇÃO DA TERRA
- 17 RESPOSTA À ERA DE AQUÁRIO
- 20 DESIDERATA
- 22 A VIA DO AMOR E DA UNIDADE
- 24 A ONIPOTÊNCIA
- 30 A CHAVE
- 35 CURRICULUM VITAE

ANO 28 N° 3
JUNHO 2006

Capa: Aquário, o portador de água, reproduzido numa escultura dinâmica em mármore da Catedral de Canterbury.

À esquerda: detalhe da ilustração da p.7.



A VERDADE É LUZ

“Seja você mesmo. Sobretudo, não finja afeições.

Não seja cínico sobre o amor, porque apesar de toda aridez e desencanto, ele é tão perene quanto a relva.”

O buscador atual que se esforça para penetrar o mistério de sua existência e de sua época pode apoiar-se nessas palavras extraídas de *Desiderata*, páginas 35-36.

Uma nova era se inicia. Atualmente parece que as superstições e o materialismo de ontem tiveram sua época. As radiações intercósmicas aceleram a frequência do campo eletromagnético da terra e exercem poderosa atividade sobre a condição humana.

Mas, ao lado da descoberta do declínio da civilização ocidental e de tudo que é visivelmente funesto, não haveria nada a ser descoberto, interiormente, de positivo e de espiritual? Não terá o homem aprendido a conhecer a si mesmo? Não reconhece ele a dualidade de seu ser, por sua vez terrestre e divino? Não reconhece ele as causas da complexidade das relações sociais? Ou então tudo é relativo e cada qual deve contentar-se com sua própria verdade? Não são todos os homens iguais, não têm eles ao menos a mesma liberdade de expressão?

Tudo o que foi rejeitado e dissimulado vem à luz. As pessoas ficam chocadas, os espíritos e os corações são tocados por grandes angústias e grandes aspirações. Há, nisso, um aspecto positivo: a verdade se torna visível. Por outro lado, o perigo da indiferença e até mesmo do cinismo despontam no horizonte, pois, se tudo é relativo, então conduta, opinião e modo de vida são arbitrários.

A Verdade é dura, mas liberta. Ela também é Luz. Quem não aceita que as violentas emoções de seu ânimo o insensibilizem a ponto de impedi-lo, apesar de seu ardente desejo, de harmonizar-se interiormente com o novo campo de radiação, descobrirá a vida da alma. A partir daí sua existência evoluirá segundo o que foi previsto: ele estará pleno de aspirações interiores e as forças espirituais construtivas restabelecerão seu microcosmo, enquanto sua consciência reconhecerá cada vez mais clara a ligação entre ele e o Espírito divino.

Esperamos que este número da Pentagrama exponha alguns aspectos dessa evolução apaixonante.



A PEQUENA E A GRANDE REALIDADES

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea fala da “matéria aparente” e da “matéria essencial”, ou dizendo de outro modo, da pequena e da grande realidades. A matéria aparente, ou pequena realidade, é tudo o que percebemos com nossos cinco sentidos: a terra, as pedras, os minerais, os corpos dos animais e dos seres humanos.

Todos os corpos celestes que observamos com nossos olhos ou graças aos meios técnicos – e em nossa época sabemos que uns 400 bilhões de galáxias povoam nosso Universo – fazem igualmente parte da pequena realidade. Aquilo que vemos ou acreditamos ver no interior do átomo é parte integrante da matéria aparente, e sabemos que, segundo Einstein, a matéria é uma forma de energia.

O Universo inteiro, desde os átomos até as galáxias, é feito de matéria aparente e pertence, portanto, à pequena realidade. Isso é algo difícil de imaginar. Os físicos ensinam que todo o Universo perceptível representa tão-somente de um a quatro por cento da energia total de onde ele surgiu. Sendo

prudentes, podemos dizer que a totalidade da matéria aparente representa, portanto, apenas um por cento de toda matéria energética. Por conseguinte, noventa e nove por cento dela permanece invisível para nós. Esse é atualmente o ponto de vista da física moderna.

No *Evangelho Pistis Sophia*, Valentiniano diz que o Universo inteiro, com tudo o que existe e se manifesta, constitui apenas uma parcela da grande realidade, a energia fundamental da manifestação divina. A grande realidade é infinita. Porém, não conseguimos conceber o “infinito”. Nossa compreensão, nossa representação das coisas, permanece limitada por definição. A palavra “representação” o diz bem. É

©Foto
Pentagrama

preciso fazer as coisas aparecer diante de nós, dar-lhes uma certa dimensão, do contrário não é possível imaginá-las. Como não temos condição de verdadeiramente conceber o “infinito”, ele é substituído, nos textos gnósticos, pela expressão: “a grande realidade”. Um véu cobre nosso entendimento. Contudo, no mais profundo do coração, onde a radiação fundamental do microcosmo nos toca, encontra-se o conhecimento intuitivo dos mistérios do infinito. Nosso intelecto apenas pode fazer uma vaga idéia dele, sempre com certa hesitação; mas, no coração existe uma certeza, pois o alento da grande realidade aflui para ele.

É UMA QUESTÃO DE PONTO DE VISTA

Para uma melhor compreensão, qualificamos a pequena realidade de realidade da matéria aparente, ou seja, suscetível de ser percebida. Embora constituindo apenas um por cento da realidade, ela é de tal modo preponderante que para a maioria dos seres humanos nada existe além dela. Essa realidade aparente nos cerca por todos os lados. A personalidade e sua aparência externa são partes integrantes dela. É nessa realidade de um por cento que temos nossas preocupações, que firmamos nossas amizades e que nos comportamos; é nela que tentamos equilibrar os momentos de stress e os momentos de calma que a natureza nos concede. A pequena realidade nos monopoliza inteiramente, ela nos domina totalmente, embora não passe de uma ínfima parcela material em relação à grande realidade, o infinito divino.

Vejamus um exemplo: durante o eclipse total do sol, a lua se coloca diante deste astro encobrindo-o inteiramente, e tudo se torna escuro. Ora,

a massa do sol é tão imensa que ultrapassa a soma da massa de todos os planetas 700 vezes. Na verdade, a lua encobre apenas dez milímetros de 1% do sol, e, contudo, ela pode fazê-lo desaparecer completamente de nossa vista. Certamente o sol não é em verdade obscurecido; ele continua a dar-dejar seus raios, ele continua luzindo. Trata-se apenas de uma questão de ponto de vista. Uma minúscula porção de matéria como a da lua pode, portanto, tornar o sol – símbolo material da grande realidade – invisível, visto da terra, mesmo que por um momento. Assim, a matéria aparente, que é como um nada, encobre e obscurece para nós a grande realidade divina devido termos um ponto de vista e ocuparmos certa posição. A Gnosis designa esse fenômeno pela palavra “esquecimento”. É em consequência deste “esquecimento” que a consciência humana gira ao redor de sua própria pessoa, de seu eu. Esse é um dos aspectos da pequena realidade, da realidade “aparente”.

QUANTO TEMPO AINDA, QUANTAS VEZES?

À noite contemplamos o imenso espaço que nos rodeia. Distinguimos uma parte da Via Láctea, com suas dimensões e distâncias colossais. Mas um pequeno pedaço de matéria, uma simples poeira pode obscurecer nossa visão, tornando a imensidão invisível para nós.

Freqüentemente, a pequena realidade é a causa de males físicos e psíquicos. Por vezes, ela é uma fonte de alegria, a tal ponto que nos sentimos leves como uma pluma, porém isso é raro. Como o peixe que apenas conhece a água na qual está imerso, encontramos-nos mergulhados na pequena realidade aparente. Do ponto de vista da

sabedoria e da experiência gnósticas, encontramos-nos aprisionados na pequena realidade, porém esta não passa de uma ínfima parte de matéria no oceano de luz da eternidade. Contudo, para nós, ela é preponderante. É uma questão de ponto de vista, como dissemos. Ou permanecemos no nível do intelecto ou então voltamos-nos para nosso coração, onde a grande realidade pode se manifestar graças à radiação do núcleo microcósmico. Contudo, a pequena realidade possui uma imensa força de atração que sempre nos puxa para baixo, às vezes com as melhores intenções!

Quantas vezes a radiação do microcosmo já não terá tocado o ser humano, retirando-se logo em seguida por não ter ele ainda dado o passo decisivo, por não ter, de modo real e definitivo, mudado de posição, de ponto de vista? Para que isso aconteça, ele certamente deverá passar por uma grande quantidade de experiências. Porém, a voz do coração não cessa de exclamar: Quanto tempo ainda, quantas vezes ainda?

Na sabedoria universal a pequena realidade às vezes é denominada “Egito”. Essa palavra pode ter dois sentidos. As letras *gito* vêm da palavra copita *qubt* ou *kemet*, que significa *terra negra, terra sombria*. Originalmente isso se referia à faixa de terra fértil depositada às margens do rio Nilo. Porém, a sabedoria qualifica de “terra sombria” um certo estado de consciência. É a terra da consciência obscura, o mundo da matéria aparente, em oposição à terra infinita da matéria essencial, feita de substância divina, a terra da verdadeira vida. Por outro lado, entre os hebreus, o Egito é *Mizraim*, da palavra *Mezarim*, que significa *confinamento, aprisionamento, encadeamento*. Somos prisioneiros no Egito, na terra obscura, a matéria

ligada ao tempo e ao espaço. Mas, quem somos nós?

Não é a personalidade formada de matéria do Egito que é a prisioneira, mas a centelha de luz provinda da grande realidade. O princípio-alma oriundo da vida superior infinita encontra-se aprisionado na pequena realidade da matéria sombria. Uma pequena parcela do infinito está encerrada na pequena realidade material, o que equivale a dizer que uma pequena parcela de matéria encontra-se no infinito. Ora, é possível fazer essa condição antinatural deixar de existir mediante um retorno ao nosso verdadeiro ser. A centelha divina da alma encontra-se exilada. Trata-se, pois, agora, de sair do Egito, da terra obscura onde não reinam senão a limitação e o aprisionamento.

Não existe nada fora do infinito. Isso é completamente impossível. O infinito é puro Espírito, ilimitado em todos os seus aspectos e dimensões. Não existe nada além. Porém, também existe o esquecimento, a névoa da ignorância, e tudo o que dela decorre, a pequena realidade da matéria aparente: Egito. É, portanto, no Egito que podemos encontrar os indícios que nos permitem descobrir o caminho de regresso para a grande realidade. É interessante verificar que, em nossa época, os tesouros do Egito, ocultos nas areias do deserto e nas pedras, estão reaparecendo. Pensamos aqui nos numerosos escritos gnósticos exumados nos últimos anos e nas revelações gravadas nas pedras que, após tempos imemoriais, tentam falar-nos acerca da presença e dos mistérios da grande realidade. Aliás, nós mesmos somos uma parte do Egito; somos formados de sua terra, fazemos parte daquilo que chamamos de um por cento da matéria aparente. E é na areia de

nosso próprio deserto, sob nossas próprias pedras, que se encontra a pérola gnóstica.

O TRIÂNGULO QUE TOCA O CORAÇÃO

Devemos deixar o Egito. Esse êxodo significa a transformação de nossas posições, de nossos pontos de vista. A atenção deve deslocar seus centros de atração, a orientação interior da consciência deve voltar-se para o silêncio do coração. Os grão-mestres da Escola Internacional da Rosacruz Áurea construíram um edifício grandioso no Egito simbólico. Eles nos propõem uma maravilhosa “saída de emergência” para fora da matéria, para fora das pedras e das areias do deserto. O símbolo disso é: círculo, triângulo, quadrado, como pirâmide, como sinal na terra do Egito. É também símbolo do mistério gnóstico em nosso coração.

O infinito, o potencial original, a fonte de onde tudo jorra é a grande realidade. Numerosos escritos gnósticos fazem alusão a ela enquanto misterioso espaço “vazio”. Esse vazio não é nenhum assim chamado “nada” absoluto, pois isso não passa de um conceito intelectual. Vazio, no sentido gnóstico significa um potencial infinito, o fundamento original, o sem forma: “nada” de que o homem possa fazer alguma representação. Há um símbolo que representa esse vazio que tudo contém: o zero ou círculo. Por outro lado, três forças realizadoras irradiam na grande realidade: a unidade absoluta que é amor; a consciência pura que é sabedoria; a luz que tudo engloba, que é força. Amor, sabedoria e força, o triângulo que toca o coração, a vibração de Cristo que se dirige a nós e nos mostra a única porta de saída. Se conseguirmos mudar nosso ponto de vista, se verdadeiramente nos voltar-

mos para o mistério de nosso coração, e se perseverarmos, ou seja, se já não pudermos viver de outro modo, então a matéria que encobre a grande realidade começará a se dissipar como nuvens num céu claro e azul. Esse processo de transformação, em nós e a nosso redor, permitirá, finalmente, a emergência de uma nova “persona”, a emergência de um novo homem, de um novo grupo, de uma nova terra, de um novo quadrado.

O SÍMBOLO TORNA-SE REALIDADE

Círculo, triângulo e quadrado nos penetram, passam a residir em nós e tornam-se partes integrantes nossas. Eles não estão nem ao lado nem acima de nós, mas formam um todo com o nosso ser. É o sinal da promessa e da realização na terra obscura da matéria aparente. A unidade restabelece a grande realidade, a realidade superior. Trata-se de uma mudança definitiva da orientação interior. Essa mudança depende da resposta às perguntas: Nosso desejo mais profundo é sair disto? Algo em nosso interior diz: “Chega, já basta!”, ou então: “Façamos ainda mais um giro na existência, e depois mais outro, indefinidamente”? Temos realmente o desejo de encontrar a porta de saída, de chegar à fonte original, ao círculo infinito onde tudo tem sua origem?

A saída do Egito é possível para todo ser humano, pois é a missão de cada um na terra. O auxílio e a força necessários encontram-se em nós e a nosso redor. Trata-se da realidade vivente, vibrante e radiante do círculo, do triângulo e do quadrado – o símbolo e a realidade da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea.

Reprodução de um mosaico medieval representando o *unus mundus* – a unidade do mundo – na forma de sete esferas, inspirada em um mosaico do século XII, A criação, da catedral de Monreale, Sicília.

A UNIDADE DO MUNDO



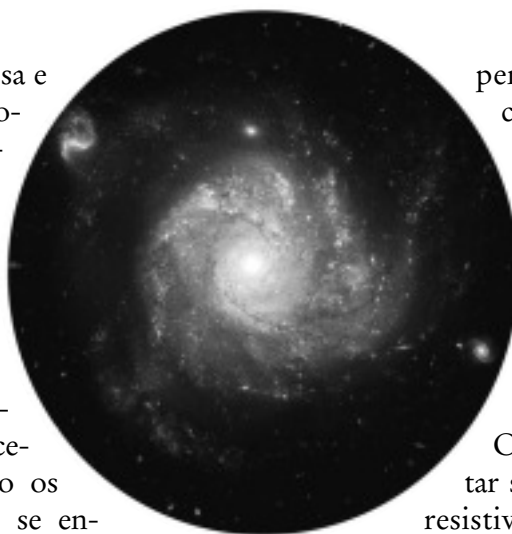
Há séculos os países ocidentais vêm realizando transações comerciais e fundando impérios comerciais em escala mundial. A colonização de continentes inteiros e as guerras que disso resultaram colaboraram para a criação da rede de relações mútuas que existe atualmente. Fundamentada em interesses próprios e no crescimento econômico, essa rede é mantida devido a uma dependência recíproca, pelo menos em razão das dívidas financeiras e econômicas geradas entre povos e Estados.

As mídias de massa e a moderna tecnologia de comunicação tornaram esses fatos – que não são nada novos – acessíveis a todos; embora lenta, mas seguramente, a humanidade começa a perceber até que ponto os povos do mundo se encontram mutuamente ligados.

Isso torna cada consumidor moderno responsável por tudo o que acontece no mundo. Trata-se de uma tomada de consciência que se torna mais profunda quando o homem aprende a reagir aos impulsos das forças e vibrações da vida que atingem a terra, provenientes do espaço intercósmico. Em princípio, essas manifestações talvez possam trazer-nos certa inquietação, porém elas também dão início a mudanças. A unidade divina, da qual o ser humano é uma emanção, é, a despeito das circunstâncias, totalmente indivisível, mesmo fragmentada e dissimulada no interior do ser humano e da criação. Essa unidade divina busca todas as possibilidades de reunir, conscientemente, suas partes. É uma força inspiradora destinada a suscitar em nós um crescimento novo e vivificante.

NECESSIDADE DE UNIDADE

Ao lado da consciência de sua de-



pendência – ter de contar uns com os outros – o homem inquieto experimenta também a angústia diante do egoísmo de seus semelhantes, temendo até mesmo sua vingança. O sentimento de estar sendo arrastado irresistivelmente é mais

forte que o sentimento de coesão. São necessários muitos esforços para determinar os interesses dos diferentes Estados e impedir que alguns países adquiram excesso de poder. Está-se sempre em busca do equilíbrio. Quer se trate de uma reunião das Nações Unidas ou de um encontro sobre economia ou climatologia, os interesses próprios de certos Estados frequentemente entravam um real progresso da humanidade. Jan C. Smuts, presidente da primeira reunião da ONU em 1945, escreveu em suas anotações particulares que as guerras futuras não poderão ser evitadas caso não se consiga responder de maneira nova ao que existe de “irracional” no ser humano. Essa resposta se fundamenta sobre valores mais elevados. “Esse importante dever está fora do escopo desta conferência e, portanto, deve ser passado a outras mãos, porém ele não pode ser recusado por muito tempo.”¹

Mas, o que se entende por “irracio-

A galáxia Erisanus.
Foto® Nasa,
Houston, Texas.

nal”? São as forças do desejo e da cobiça que estimulam os seres humanos e que a razão não controla. Por trás delas existem causas cármicas, recalques, e um mundo agitado por forças demoníacas poderosas. Somente uma consciência espiritualizada que una fortemente o cérebro e o coração permitirá reconhecer, compreender essas forças e, finalmente, vencê-las. Está claro que isso não pode ser realizado neste mundo, pois uma camisa-de-força de leis e de resoluções raramente consegue restringir os interesses particulares dos Estados e impedir as guerras. A consciência da dependência mútua e o desejo de liberdade e unidade verdadeiras crescem, porém os Estados e os empreendimentos mundiais ainda não são capazes de agir nesse espírito. Mesmo uma religião única que servisse de denominador comum a todas as religiões mundiais (“a existência de algo divino”) e uma ética mundial (“todos os seres humanos têm direito à vida”) não conseguiriam realizar a unidade espiritual desejada.

O chamado que convida a um desenvolvimento da consciência espiritual é ouvido e compreendido por um número relativamente restrito de pessoas. A consciência atual é monopolizada por interesses pessoais, o desejo de paz é instável e procede de experiências negativas. Guerras e destruições que afetam cada um despertam o desejo de paz e de unidade como um tipo de seguro de vida; nos tempos de incerteza em que os conflitos nos ameaçam, os movimentos em favor da paz são os mais fortes e vêm às ruas para se manifestar. Desaparecido o perigo, esses movimentos passam para segundo plano.

UNIDADE POR MEIO DE
REGRAS EXTERIORES?

Quando a Organização das Nações Unidas foi instituída, em 1945, e sucedeu à Sociedade das Nações, a euforia reinou nos Estados que nela ingressaram, decididos a colaborar.

Acreditava-se que esse organismo serviria à causa da paz nos tempos modernos. Porém, logo pôde-se verificar o que resultaria da aceitação dos ideais mais nobres diante dos interesses particulares das nações. Theodore Roosevelt, intimamente ligado a essa instituição, deu-lhe objetivos de alto nível, reconhecidos hoje como princípios universais: todo homem deve estar livre da miséria e do medo, gozar da liberdade de religião e de expressão. O presidente Truman, sucessor de Roosevelt, declarou, cheio de esperança, no encerramento da inauguração: “O pacto das Nações Unidas é o sólido fundamento sobre o qual pode-se estabelecer um mundo melhor”².

Desde os primeiros anos parecia, contudo, que as resoluções do Conselho de Segurança nem sempre eram aceitas, senão para reclamar os interesses das nações que tinham o direito de veto. Frequentemente o Conselho de Segurança e a Assembléia Plena foram incapazes de colocar os interesses gerais acima dos interesses particulares. Os grandes poderes sempre bloqueiam as resoluções exercendo seu direito de veto ou sustentando em toda parte as guerras no mundo. E quando certas decisões eram tomadas, eram sempre as nações que as elaboravam que não se conformavam a elas. Javier Pérez de Cuéllar, o quinto Secretário-Geral (1982-1991), num relatório de 1983, verifica, decepcionado: “Tinha a impressão de que certos governos davam pouca importância às medidas que eles mesmos tomavam nas Nações Unidas”³.



Dag Hammarskjöld nasceu em 29 de julho de 1905 em Jonköping, sendo o mais jovem entre quatro filhos. Seu pai, Hjalmar Hammarskjöld, descendente de uma antiga família aristocrática, tornou-se primeiro ministro da Suécia em 1914. Seus quatro filhos se ocuparam de economia e de política. Dag Hammarskjöld sucedeu ao norueguês Trygve Lie, primeiro Secretário-Geral das Nações Unidas, em 7 de abril de 1953, tendo ainda muito pouca experiência em política. Em seu diário pessoal podemos ler nessa data: “Chegara, pois, o dia que me trouxe uma certa tristeza, pois as dificuldades que se anunciavam eram insignificantes em comparação com as exigências de Deus. Mas como era difícil compreender que, justamente por este motivo, este era o dia de uma grande alegria”¹.

A missão interior e exterior se reúnem. Hammarskjöld soube dar forma e estrutura ao “trabalho mais ingrato do mundo”, como dizia Trygve Lie. Ele conseguiu que o Secretário-Geral pudesse agir segundo a carta das Nações Unidas, mesmo sem mandato das comissões da ONU. Por essa razão ele pôs contra si a França, a Inglaterra e, sobretudo, a União Soviética, que o acusaram de ser um pseudo “presidente mundial”. Em 1957, contudo, ele foi reeleito para um segundo mandato. Graças a

suas iniciativas em favor da paz e da reconciliação – lembremo-nos da crise de Suez em 1956 e de sua “diplomacia silenciosa” na China – ele ganhou muito respeito. Em 1960 teve início a crise do Congo: a província de Katanga separou-se e, em 1961, explodiu a guerra civil. Em 17 de setembro de 1961, Dag Hammarskjöld tomou o avião para Katanga, a fim de negociar com o chefe dos rebeldes. Apesar do segredo e do silêncio das emissoras de rádio, seu avião se espatifou na Rodésia, a nove quilômetros da fronteira de Katanga. Quando o socorro chegou ao local no dia 19 de setembro, encontram uma máquina carbonizada e os guarda-costas de Hammarskjöld crivados de balas.

Dag Hammarskjöld mesmo apresentava apenas dois ferimentos leves. As causas de sua morte são desconhecidas até hoje.

Parece que ele havia se preparado para esse último sacrifício quando escreveu: “Um homem que se tornou no que podia, que estava pronto para abranger tudo no sacrifício mais simples”². Algumas semanas após, ele recebia o prêmio Nobel da paz a título póstumo.

1 Hammarskjöld, D., *Merkestenen*. Kampen: Kok, 1998, p. 75.

2 Idem, p. 56.

D. Hammarskjöld, em *Vägmärken*, escreveu: “Tua vida pessoal não pode ter nenhum sentido duradouro e específico. Ela apenas pode ter um sentido, indiretamente, quando se liga e se submete a algo duradouro que tenha um sentido em si mesmo. Seria a isso que nos referimos quando falamos da Vida? Pode tua vida ter algum sentido enquanto fragmento da Vida? Se a Vida existe? Perde-te nela, e a experimentarás. Se a vida tem sentido? Experimenta a Vida enquanto realidade, e acharás a pergunta sem sentido. Perder-te nela é dar o salto e te submeter a ela sem reservas. Ousa saltar quando o desafio se apresenta, pois não podes ver o salto duplo senão na luz desse desafio e nem esperar que faças intuitivamente a escolha de dar as costas à tua vida pessoal sem ter o direito de olhar para trás. Perceberás então que estás livre do estereótipo da vida de rebanho. Perceberás que tua existência, se a subordinares à Vida, toma todo o seu sentido independentemente do local em que ela se situe. Notarás que a liberdade, se te despedes de tudo, mediante a repetida oferta de ti a cada instante, dá acuidade e pureza à tua consciência da realidade. Trata-se, aqui, de auto-realização. Perceberás que a submissão da vontade ativa deve ser continuamente renovada, e que se reduz a nada toda vez que permitimos que nossa vida individual deslize, em certo grau, para o centro de nossa atenção...”

O QUE DEVE MUDAR NOS SERES HUMANOS

O que, então, é preciso fazer para que o mundo viva em paz e unidade? Por quais transformações deve o ser humano passar para que acabe desejando um lugar ao sol, não só para si mesmo, mas para o bem-estar de toda a humanidade? E que relação existe entre o desenvolvimento dos indivíduos e o comportamento das nações? Será que a pessoa que se livrou da angústia e da agressividade características, assim como de seu desejo de posse, abre possibilidades para os outros? Se os seres humanos mudarem, os Estados também farão o mesmo? A história nos fala de nações pacíficas e de períodos em que a espiritualidade predominava, porém isso durou pouco. Houve curtos períodos de evolução em que centenas de pessoas dotadas de uma nova consciência davam à sua nação a possibilidade de uma mudança de orientação. No presente, novos tempos se anunciam. O “sistema” atual, no qual muitos especialistas que decidem a economia e a política sentem-se prisioneiros, pode se despedaçar. Passo a passo, aqueles que são conscientes mudam as relações sociais e o comportamento das nações, transformações essas que muitos olham com tristeza.

A consciência nascida desta natureza não permite aos homens, apesar de todos os esforços, instaurar o bem. Somente a consciência da unidade – pois o arquétipo humano é *indivisível* – penetra muito mais profundamente nas coisas que a ciência; ele sente que “estamos todos no mesmo barco” e nos dá condições de reconhecer erros e fraquezas, tanto nossos como dos outros; mas, sobretudo, percebe que proviemos do reino divino.

Existe um campo energético que envolve todo o Universo, e desse campo se serve quem deseja tornar-se um verdadeiro homem. Toda vez que precisa agir, ele pode retirar sua inspiração desse campo de força. A ligação com esse campo concede sentido e estrutura à vida atual, bem como a capacidade de evoluir até tornar-se um homem divino e retornar ao campo de vida divino.

Se houve alguém que procurou agir de maneira nova a fim de melhor servir a humanidade, esse alguém foi Dag Hammarskjöld. Ele se sabia tocado e conduzido por um campo energético especial. Em 1952, um ano antes de se tornar o segundo Secretário-Geral da ONU, ele anotou em seu diário particular: “Uma experiência de luz, de calor e de força... Um elemento sustentador como o ar no vôo à vela ou como a água, quando se nada. Uma hesitação intelectual, exigindo prova e lógica, impede-me de ‘crer’ – nisto também; impede-me de expressá-lo em termos intelectuais a fim de descrever a realidade. Porém, através de mim jorra a visão de um campo de força da alma, criado num eterno presente por todos os que oram, em palavra e ação, e vivem segundo uma vontade santa...”⁴.

Algumas citações do diário particular de Dag Hammarskjöld, publicado após sua morte, permitem-nos fazer uma idéia das experiências pelas quais ele passou. Esse grande campeão da paz mundial era um verdadeiro homem-alma, muito consciente das responsabilidades humanas. Em sua elevada posição, ele se esforçou incansavelmente para alcançar o estado de verdadeiro homem e era com toda humildade que tomava decisões e dava conselhos. Em 1953 ele escreveu: “Não eu, mas Deus em mim”⁵. Em

1955: “Tua situação não te dá o direito de impor tarefas, mas somente o direito de viver de modo tal que os outros aceitem essas tarefas sem se sentirem rebaixados”⁶.

Ele jamais associava sua elevada posição com sua pessoa e não tinha nenhum outro objetivo senão consagrar-se inteiramente à sua tarefa. Ao mesmo tempo, ele sabia que era mediante a oferenda de toda sua personalidade que isso seria possível: “Como, pois, devo amar a Deus? Devo amá-lo, não como se fosse um deus, como se fosse um espírito, uma pessoa ou uma figura, mas sim unicamente como uma Unidade pura e clara, longe de toda dualidade. E nessa Unidade devemos imergir eternamente, indo de algo para nada. Nisto Deus nos ajuda”⁷.

Em 1956, ele escreveu: “Alguém colocou-te a lançadeira na mão. Alguém ordenou os fios”. O importante para Hammarskjöld jamais era alcançar um objetivo apenas exterior. “Existe apenas a história da alma, apenas a boa saúde da alma”⁸. Essas linhas foram escritas em 1957. Ele havia descoberto que toda atividade portadora de bênção provinha de uma alma renovada pela qual Deus se exprime. “Na fé, na ‘união de Deus com a alma’, és uno com Deus e Deus está totalmente em ti, assim como ele está em tudo que se encontra diante de ti”⁹.

Ele escreveu isso em 1957. Hammarskjöld reconheceu claramente que toda atividade vitoriosa tinha de originar-se de uma alma renovada, na qual Deus podia expressar-se: “Na fé de que a união de Deus com a alma é, és uno com Deus, e Deus está inteiro em ti, do mesmo modo que ele está inteiro para ti em tudo que te sucede”¹⁰.

Esse é o fundamento da verdadeira unidade segundo a qual Hammarskjöld agia e tratava todos os seres humanos. Não podemos julgar até que ponto ele punha em prática essas palavras, mas podemos dizer que quando foi Secretário-Geral essa função gozava de grande prestígio e que até o presente ele é considerado o mais notável secretário que a ONU conheceu.

AS AÇÕES DA NOVA CONSCIÊNCIA ANÍMICA

À medida que a consciência da nova alma cresce em nós, sabemos-nos unidos, por um princípio espiritual interior, ao ser de todos os homens. Não se trata aqui de uma “consciência” vaga, mas de algo concreto e prático. Quanto mais essa ligação passa para o primeiro plano, mais se faz sentir a necessidade de aproximarmos dos outros e de aliviar seu fardo, e mais a complexidade e as dificuldades da vida passam para segundo plano. Tornamo-nos habitantes de dois mundos: inteiramente unidos a nosso próximo no panorama da existência e, não obstante, perfeitamente livres interiormente para nos elevar ao campo de vida do Espírito, onde nosso “microcosmo” pode respirar. Nossa existência no mundo e todas as nossas experiências no caminho servem a esses dois objetivos.

Cada ser humano em quem a alma se desenvolve libera-se, mediante o deslocamento paulatino de seu centro de gravidade da vida, das dificuldades e desejos da vida material, do medo e do egoísmo. Chegamos a isso quando dispomos-nos a servir. Se esse for nosso objetivo, as dificuldades, as angústias e tudo mais desaparecerão.

Quanto mais nos inclinamos à soli-

dariedade, à consciência da nova alma devotada ao serviço de outros, mais chances há de outras pessoas abandonarem os caminhos batidos e os pensamentos estereotipados de uma sociedade totalmente tacanha, e progredirem em direção da verdadeira *una sancta*. Essa é a idéia original da unidade, o impulso que, no mais profundo do ser, inspirou a fundação da ONU com o desejo de dar a cada um a paz e a liberdade, bem como uma existência digna inspirada pelo ideal de se elevar na única e verdadeira vida original divina.

- 1 Smuts Jr., J.C., *Jaan Christian Smuts*. Cape Town: A. Rieck, 1951, p. 482.
- 2 Göller, J. T. *Die UNO und ihre sechs Generalsekretäre*. Bonn: Dietz, 1995, p. 19.
- 3 Idem, p. 183.
- 4 Hammarskjöld, D., *Vägmärken*. Estocolmo: Bonniers, 1963, p. 76.
- 5 Idem, p.87.
- 6 Idem, p.90.
- 7 Idem, p.113, fonte desconhecida.
- 8 Idem, p.123.
- 9 Idem, p.133.
- 10 Idem, p.144, anotado em 1958.

p.14: *Electric lamps*,
Nathalie
Gontcharowa, 1912,
Paris, Musée
National d'Art
Moderne (detalhe).



A PULSAÇÃO DA TERRA

Atualmente fala-se muito de um fluxo de forças provenientes da região intercósmica, reagrupadas sob a denominação “impulso de Aquário” ou “impulso do Aguadeiro”. Elas exercem sua influência sobre a terra e, por conseguinte, sobre a humanidade. Os físicos puseram a “frequência cardíaca da terra” em evidência. No curso dos anos passados, essa pulsação quase que dobrou; ela passou de 7,83 Hz a mais de 13 Hz, o que indica um processo que ruma para uma desmaterialização. Igualmente é possível medir-se hoje a radiação da rede de linhas que envolvem o planeta (linhas Hartman, Curry e Ley). Essa radiação se intensificou e se estendeu, provocando sismos, inundações e erupções vulcânicas. O homem encontra-se submetido a essas influências e é impelido a desenvolver uma inteligência intuitiva ou pensamento mercuriano, tal como é denominado em astrosfia. Devemos observar que essa forma de pensamento autônomo, da qual a grande maioria das pessoas encontra-se dotada, é fortemente estimulada pela tecnologia periférica das telecomunicações e da Internet.

UM PENSAMENTO SENSÍVEL,
UMA CONSCIÊNCIA INTELIGENTE
DO CORAÇÃO

Primeiro desenvolve-se o entendimento, no campo experimental que constitui o mundo. Um conhecimento científico e prático do mundo físico é adquirido, o que leva à autoconsciência. Devemos notar que essa fase intermediária não deixa de apresentar perigos. Provindo de um plano superior, desenvolve-se uma “consciência do coração” vivente e sensível naqueles que submetem sua existência à lei do amor, colocando-a ao serviço da

origem sagrada de todas as coisas. Dessa orientação decorre uma sutil intuição que se manifesta no coração das relações humanas por intermédio de uma radiação que, em linguagem esotérica, é denominada “éter-ígneo”.

Atualmente, a humanidade dá provas de que esses dois desenvolvimentos estão em curso. O conhecimento racional penetra todos os domínios. Uma desmaterialização progressiva se efetua por uma passagem da consciência dos objetos materiais à “informática”. A consciência funciona cada vez mais a partir das conexões mentais que regem as relações entre os homens e as coisas, e não mais das percepções sensoriais concretas do momento.

Essa dupla evolução efetua-se numa humanidade que perdeu de vista sua destinação inicial. A ciência contribui para a conquista da autonomia. Ao mesmo tempo, a desmaterialização prossegue por meio da tecnologia e da informática. Porém, surge uma carência na alma, uma insatisfação, quando os aspectos sutis do coração são negligenciados. Ao ampliar-se, o princípio de autonomia estende-se ao mundo sutil com o objetivo de fazer o homem vol-

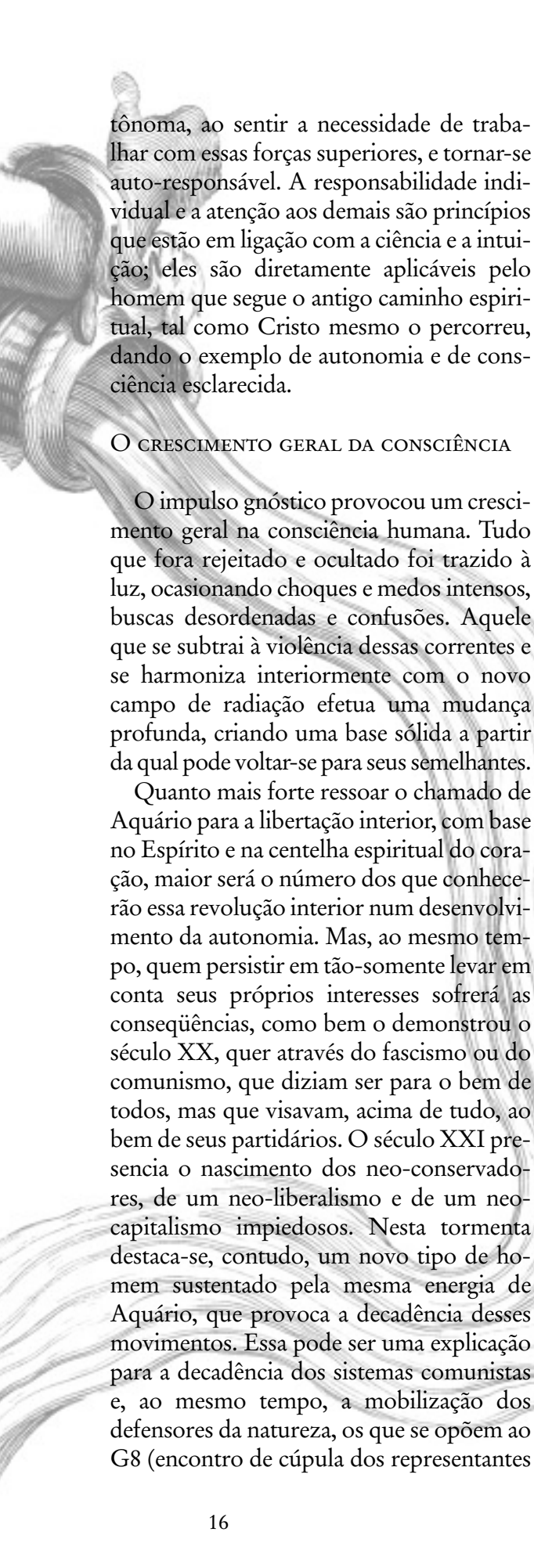
tar-se novamente para a Luz, abandonar por completo sua auto-afirmação e, assim, dar possibilidade de desenvolvimento à centelha espiritual. Isso porque o mais importante é submeter sua vida ao ser infinito, e não mais ao eu limitado. O sem-limite não é egocêntrico; ele nada exclui; ele está em total concordância com o divino, que é *amor*. O pensamento científico e a intuição serão iluminados pela luz da alma, que exercerá uma ação benéfica sobre a humanidade.

TRILHAR O CAMINHO DE MANEIRA AUTÔNOMA

No final do século XIX, partiu um grande impulso da Fraternidade da Vida para a humanidade, a fim de que esta se movimentasse na direção dessa mudança radical. Um século mais tarde, tornou-se claro que a ciência e a intuição podiam se tornar úteis no caminho que conduzia a um reconhecimento direto das forças rejubilantes e libertadoras provenientes do mundo divino. Para o ser humano já não fazia sentido ter de seguir os dogmas cegamente. Ele podia, doravante, percorrer essa via de forma au-

A freqüência cardíaca da terra, chamada de ressonância de Schumann, é a vibração do campo eletromagnético que se forma entre a superfície terrestre e a ionosfera, a camada aérea superior. A freqüência da ressonância de Schumann é de mais ou menos 7,83 Hz. Provavelmente ela é mantida pelas descargas elétricas que ocorrem durante as tempestades. Os cientistas acreditam que elas representaram um papel importante na formação da vida sobre a terra. Essas tempestades tocam o campo eletromagnético da terra, como fariam com uma corda, fazendo-a vibrar. Contudo, na realidade, a ressonância de Schumann não é uma ressonância em sentido estrito, pois as tempestades golpeiam esse campo a cada relâmpago, e não de

modo contínuo. Essa ressonância atinge o seu apogeu quando as tempestades saturam a atmosfera terrestre (Freqüentemente o exército utiliza essas informações como referência importante para calcular o tempo e a duração de um dia). Atualmente, a ressonância de Schumann excede a 13 Hz. Isso significa que o “dia biológico” em realidade tem somente 16 horas. Assim pode-se explicar a sensação, muito difundida atualmente, de “não se ter mais tempo para nada”, de correr-se atrás do tempo. O campo eletromagnético de cada célula vivente é influenciado pela ressonância de Schumann. Os seres humanos, os animais e as plantas se ajustam a ela. Mas, como os vegetais, bactérias e bolores o fazem (se o fizerem), é um mistério.



tônoma, ao sentir a necessidade de trabalhar com essas forças superiores, e tornar-se auto-responsável. A responsabilidade individual e a atenção aos demais são princípios que estão em ligação com a ciência e a intuição; eles são diretamente aplicáveis pelo homem que segue o antigo caminho espiritual, tal como Cristo mesmo o percorreu, dando o exemplo de autonomia e de consciência esclarecida.

O CRESCIMENTO GERAL DA CONSCIÊNCIA

O impulso gnóstico provocou um crescimento geral na consciência humana. Tudo que fora rejeitado e ocultado foi trazido à luz, ocasionando choques e medos intensos, buscas desordenadas e confusões. Aquele que se subtrai à violência dessas correntes e se harmoniza interiormente com o novo campo de radiação efetua uma mudança profunda, criando uma base sólida a partir da qual pode voltar-se para seus semelhantes.

Quanto mais forte ressoar o chamado de Aquário para a libertação interior, com base no Espírito e na centelha espiritual do coração, maior será o número dos que conhecerão essa revolução interior num desenvolvimento da autonomia. Mas, ao mesmo tempo, quem persistir em tão-somente levar em conta seus próprios interesses sofrerá as conseqüências, como bem o demonstrou o século XX, quer através do fascismo ou do comunismo, que diziam ser para o bem de todos, mas que visavam, acima de tudo, ao bem de seus partidários. O século XXI presencia o nascimento dos neo-conservadores, de um neo-liberalismo e de um neo-capitalismo impiedosos. Nesta tormenta destaca-se, contudo, um novo tipo de homem sustentado pela mesma energia de Aquário, que provoca a decadência desses movimentos. Essa pode ser uma explicação para a decadência dos sistemas comunistas e, ao mesmo tempo, a mobilização dos defensores da natureza, os que se opõem ao G8 (encontro de cúpula dos representantes

dos países industrializados). Quantos não militam pela paz mundial? Quantos não se engajam no movimento pela unificação da humanidade e lutam pelo respeito aos direitos humanos e por outras causas nobres?

O CAMINHO DA TRANSFIGURAÇÃO

Aquário e a energia de Cristo estão intimamente ligados: os elevados valores de Aquário harmonizam-se com o ensinamento que Cristo transmitiu aos homens de seu tempo, através do sempre atual Sermão do Monte.

As turbulências e os conflitos que acompanham o início da era de Aquário, que o homem e a terra atravessam, servem também a outro objetivo, que está em total concordância com o impulso de Cristo: o retorno do ser humano ao seu domínio original.

Quando o homem reconhecer o mundo das mudanças a que estão submetidas tanto a sua vida interior como a sua vida exterior, ele alcançará um discernimento completamente novo.

A antiga ordem social já não precisará ser aperfeiçoada; primeiro é preciso que a vida interior desabroche plenamente, em unidade e ligação com o todo. Tudo o que é velho perde, então, sua força coercitiva. Valores positivos de radiante alegria transformam o ser interior. Um novo mundo, em harmonia com o macrocosmo divino, penetra pouco a pouco o velho mundo.


O homem que está nesse processo vê em si mesmo esse novo mundo: um novo céu e uma nova terra. Neles habita o novo homem microcômico: imortal, ilimitado, onisciente, uno com Deus, perfeitamente autônomo, unificado com o menor de seus semelhantes e inteiramente consagrado à auto-entrega, em qualquer circunstância.

Um dos pensamentos mais penetrantes da Gnosis cristã não perdeu, ainda hoje, sua força: “Quem perder sua vida – em proveito do verdadeiro Ser, fundamentado na força de Cristo – encontrará a vida eterna”.

RESPOSTA À ERA DE AQUÁRIO

Freqüentemente é dito que as primeiras reações conscientes aos impulsos de Aquário surgiram com a formação da Sociedade Teosófica fundada por H. P. Blavatsky, seguida pela Sociedade Antroposófica de Rudolf Steiner. A influência dos ensinamentos sufis e hinduístas fizeram-se sentir igualmente. Enquanto outros grupos se formavam, Max Heindel fundou a Fraternidade Rosacruz. A esta lista podemos acrescentar a Escola Espiritual da Rosacruz moderna fundada por Jan van Rijckenborgh e Catharose de Petri em 1924.





Quando o buscador ingressa na Escola de Mistérios da Rosacruz, ele descobre que essa Escola não é um instituto de ensino, mas uma comunidade de trabalho. Embora no início ele acredite receber aí um ensinamento incomum, um ensinamento superior da sabedoria divina, suscetível talvez de liberar nele forças ocultas, a realidade lhe inflige um forte golpe. Uma escola de mistérios não é um lugar onde se pode acumular conhecimentos, e sim um lugar onde se é purificado pelo fogo. Quando vos ligais a ela, não recebeis nenhuma nova ciência. Pelo contrário, todas as vossas certezas vos são retiradas. A Escola de Mistérios não busca elevar o que é inferior, mas despertar o que sempre existiu: o fogo original divino, oculto em todo ser humano. Desde o início de sua atividade a Rosacruz vem falando a mesma linguagem: “Conscientizai-vos da realidade do mundo à vossa volta. Conscientizai-vos também de que nada existe de libertador nesta natureza. Enfim, conscientizai-vos de que é pelo fogo de vossos atos que podereis aniquilar o que é inferior a fim de vos elevar ao plano superior da vida da alma-espírito”.

A Escola tem uma missão própria a realizar: restabelecer a ligação com o campo original da humanidade e ao mesmo tempo divulgar novamente o ensinamento e a compreensão interiores do cristianismo original na luz e na força da Gnosis.

Acreditamos que esse tenha sido o motivo e também o objetivo do impulso que se manifestou na segunda metade do século XIX. Com relação a isso, é interessante observar que já em 1881 Anna Kingsford realizava as primeiras conferências sobre o cristianismo *gnóstico*, que ela exumara do pó secular¹. Nessas conferências ela sublinhava o fundamento hermético e a força libertadora ali encerrada. Ela mostrou igual-

mente que o homem era, em primeiro lugar, uma “alma-espírito”, e que a força de Cristo não podia ser apreendida caso o ser humano mesmo não a realizasse.

Sete anos mais tarde aparece a primeira edição de *A doutrina secreta* de H.P. Blavatsky². Nessa obra, quase que em cada página, são postos em xeque os fundamentos da ciência materialista, que até hoje parte da idéia de que a matéria é o começo e o fim de tudo. Ela também enfatiza que, apesar do logro cometido conscientemente por muitas igrejas, existe um saber ancestral que, embora velado, é a base de todas as religiões libertadoras.

Teriam essas escolas e movimentos introduzido uma reforma mundial no sentido dos rosacruzes clássicos? Existirá um grande grupo de homens iluminados que podem conferir ao buscador de boa vontade o ensinamento universal a partir de uma experiência pessoal? Rudolf Steiner predisse que a Teosofia poderia, teria mesmo de, até o final do século XX, transformar-se num movimento de massa, e que o Cristo seria percebido por inúmeras pessoas no plano etérico, o que outra coisa não significa que a iluminação.

Jan van Rijckenborgh esperava que o Lectorium Rosicrucianum, através de sua Escola de Mistérios, se tornasse uma “via de acesso” aos inúmeros buscadores que desejam concretizar os impulsos de Aquário.

O que foi feito desses precursores, dessas previsões e esperanças? Quando olhamos o caos em que o mundo se encontra e a volta do dogmatismo nas normas e valores pregados pelos partidos políticos e igrejas, temos a impressão de que se torna cada vez mais difícil para os homens perceber os impulsos espirituais.

Ao mesmo tempo, verifica-se que muitos buscadores da verdade – e o número destes cresce continuamente – são, em grande medida, atormentados pela dúvida. Percebe-se que nada pode continuar como antes. E essa idéia ganha terreno.

Após longa preparação e intensos esforços, a Escola da Rosacruz Áurea traçou concretamente o caminho iniciático cristão. Essa via iniciática do cristianismo original foi desembaraçada de toda mixórdia dogmática. Ela ensina que o homem exterior pertence a uma natureza submetida a leis diferentes da natureza original, e mostra como o homem interior pode, de novo, unir-se à natureza divina.

Essa união é possível porque a latente vida interior, o verdadeiro significado de Cristo, torna-se novamente ativa no homem; então, o homem exterior, a personalidade terrestre, cria um espaço para essa nova realidade, “perdendo-se” nela, por assim dizer. A força vital interior se abre e finalmente desabrocha numa alma-espírito imortal. Na Escola Espiritual da Rosacruz essa substituição do “velho homem” mortal por uma nova personalidade é denominada “transfiguração” ou “troca de personalidades”.

A vida de Jesus disso nos deu o exemplo. Jesus foi o primeiro homem a abrir o caminho para que seus discípulos, tanto naquela época quanto hoje, pudessem segui-lo. Este é o sentido do cristianismo: o surgimento de um homem completamente novo a partir da centelha espiritual divina no homem terrestre, enquanto este “morre” conscientemente com todas as suas qualidades boas e más. A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea trilha com seus alunos esse caminho. Eles não se empenham por nenhum desenvolvimento de valores supra-sensoriais do homem terrestre, seja no aspecto material, seja no aspecto sutil.

A Escola Espiritual da Rosacruz explica para o homem atual os mistérios da iniciação cristã, em conexão com o ensinamento da reencarnação, pois, como um ser humano, numa única vida, poderia chegar à soleira desse mistério iniciático? É preciso estar “maduro” para isso, e o desenvolvimento até essa maturidade acontece lentamente, no curso de inumeráveis encarnações em que a centelha do espírito é ligada a uma

personalidade. Porém, é numa única encarnação que o caminho da libertação começa, permitindo escapar, mediante a transfiguração, da roda do nascimento e da morte. Esse acontecimento decisivo permite que se extirpe as ciladas do mundo exterior e que se possa, de novo, participar progressivamente da Vida original.

Existe uma grande possibilidade de libertação do homem espiritual e de se vivenciar o Cristo – ela existe há séculos e continuará a existir. Esta é a resposta à questão: “Que aconteceu ao impulso da Fraternidade da Vida após cento e vinte e cinco anos?” Uma Escola Espiritual é um auxílio para o homem em seu caminho e uma comunidade de trabalho que irradia para a humanidade a idéia e a possibilidade de uma libertação espiritual do homem interior. É um campo de trabalho cujos membros se esforçam para reunir as forças da vida renovadora. Eles vivenciam a força cósmica e a fortalecem, respondendo a ela de modo positivo. Desse modo, restabelecem a harmonia com as novas energias irradiadas no cosmo e se põem ao serviço de todos que queiram inverter o destino da humanidade.

As escolas espirituais autênticas são centros de radiação cósmica criados pelos enviados da eternidade. Nelas os buscadores recebem as possibilidades que favorecem o crescimento da nova alma, para o encontro com o Cristo e para a construção de uma personalidade celeste. Mediante seu trabalho, o desenvolvimento da humanidade é levado na direção da realização da missão do homem, que é: tornar-se a semelhança de Deus, a qual está presente nele desde o início dos tempos e espera sua realização.

NOTAS

- 1 Maitland, E., *Anna Kingsford, her life, letters, diary and work*, 3 ed. Londres: John M. Watkins, 1913. Ver também: www.personal.usyd.edu.au/~apert/kingsford.html
- 2 Blavatsky, H. P.: *A doutrina secreta*. São Paulo: Pensamento, 2002.

Siga placidamente por entre o ruído e a pressa e lembre-se da paz que pode haver no silêncio. Tanto quanto possível, sem sacrificar seus princípios, conviva bem com todas as pessoas. Diga sua verdade serena e claramente e ouça os outros, mesmo os estúpidos e ignorantes, pois eles também têm sua história. Evite as pessoas vulgares e agressivas, elas atentam contra o espírito. Se você se comparar com os outros, pode se tornar vaidoso ou amargo, porque sempre existirão pessoas piores ou melhores que você. Usufrua suas conquistas, assim como seus planos. Mantenha o interesse pela sua profissão, por mais humilde que seja. Ela é um bem verdadeiro na sorte inconstante dos tempos. Tenha cautela em seus negócios, pois o mundo está cheio de traições. Mas não deixe isso cegá-lo para a virtude que existe, muitos lutam por ideais nobres e por toda parte a vida está cheia de heroísmo. Seja você mesmo. Sobretudo, não finja afeições. Não seja cínico sobre o amor, porque, apesar de toda aridez e desencanto, ele é tao perene quanto a relva. Aceite com brandura a lição dos anos, abrindo mão de bom grado as coisas da juventude. Alimente a força do espírito para ter proteção em um súbito infortúnio. Mas não se torture com fantasias. Muitos medos nascem da solidão e do cansaço. Adote uma disciplina sadia, mas não seja exigente demais. Seja gentil com você mesmo. Você é filho do universo, assim como as arvores e as estrelas: você tem o direito de estar aqui. E mesmo que não lhe pareça claro, o universo, com certeza, está evoluindo como deveria. Portanto, esteja em paz com Deus, não importa como você O conceba. E, quaisquer que sejam suas lutas e aspirações no ruidoso mundo da vida, mantenha a paz em sua alma. Apesar de todas as falsidade, maldades e sonhos desfeitos, este ainda é um belo mundo. Alegre-se. Lute pela sua felicidade.

Ehrmann, M., *Desiderata*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

Um erro bastante divulgado levou muitas pessoas a crerem que o texto original americano de Desiderata teria sido encontrado na velha igreja de São Paulo, em Baltimore, e que ele datasse de 1692. Esse erro surgiu quando o pastor dessa igreja inseriu esse texto em seus papéis para servir de inspiração a suas alocações. Trata-se, em realidade, de um poema escrito em 1927, por Max Ehrmann (1872-1945), poeta e advogado.

Fred D. Cavinder, 'Desiderata' *Embaixador da TWA*, agosto de 1973, p.14.



A VIA PARA O AMOR E A UNIDADE



O pós-modernismo é visto como uma corrente filosófica nascida da idéia de que o mundo não deve ser dirigido, e que, partindo desse ponto de vista, estilos e técnicas de todos os tempos e de todas as tendências podem ser combinados livremente. Acredita-se que a verdade não existe, que está morta, e que cada um tem sua própria verdade. Contudo, as pessoas conscientes percebem claramente que uma nova verdade universal se anuncia e que a humanidade recebe uma série de impulsos ainda desconhecidos.

Grandes possibilidades espirituais, até ontem apenas pressentidas, surgem no horizonte, capazes de transcender o espaço e o tempo. Ainda não é possível dizer se essas possibilidades serão utilizadas em grande escala, pelo menos de modo visível. Mas constata-se a maneira como o homem atual projeta essas possibilidades em seu meio natural: na maior parte do tempo ele o faz de modo egocêntrico.

O estímulo para a renovação do pensar e da consciência num coração desinteressado e amoroso não passa, para o homem moderno, de um pretexto para pesquisas científicas sempre mais aprofundadas. A responsabilidade pessoal à qual o homem espiritual é chamado é desviada e se torna uma atividade egoísta e presunçosa. O estímulo para a universalidade é retomado pela mídia e pela globalização da economia mundial. A semelhança geral na alimentação, as tendências e as emoções nivelam rapidamente a humanidade intei-

ra. O desaparecimento das estruturas tradicionais é visto como algo positivo, enquanto muitos acreditam que “tudo é relativo e arbitrário”, sem irem mais além.

O homem buscador, em quem a centelha do Espírito foi avivada, percebe a insipidez dessas interpretações. Ele tem condição de constatar sua superficialidade e ver de onde elas procedem. As pretensões científicas do momento passam a ter um outro aspecto, pois ele percebe por trás delas as forças que atuam no sentido de fazer que a humanidade conceba uma realidade superior e pensamentos muito mais elevados. E o que o faz enveredar por esse caminho é seu desejo de perscrutar a realidade espiritual e descobrir as possibilidades que ainda lhe estão ocultas.

A tendência ao individualismo e à autoafirmação, de alguma forma sempre presente em segundo plano, também tem uma origem espiritual. Ora, não se trata de afastar-se dos homens ou de colocar os próprios interesses em primeiro plano, mas de assumir pessoalmente a responsabilidade de iniciativas que correspondem à nova compreensão adquirida. O homem buscador somente poderá fazer crescer sua vida interior se criar a possibilidade de comportar-se de modo livre, consciente e responsável.

TORNAR-SE, UM DIA, CONSCIENTE DO LOGOS

Cada átomo está carregado de valores eternos e universais do Logos, a força-luz sem a qual não haveria vida. Eis por que a luz atua em cada indivíduo. Em cada

plano, em cada criatura do mundo – e em primeiro lugar no ser humano –, o Logos se torna, um dia, consciente. E quando experimentamos realmente as forças do Logos e nos deixamos guiar por elas, a atividade interior passa da cultura individual à visão da realidade universal.

Vista por este ângulo, a perspectiva é totalmente diferente da do homem moderno. A política e a economia governam as relações humanas, e de ambas espera-se prosperidade e prestígio. Seria essa verdadeiramente a condição para a felicidade? Existe, aqui, um mal entendido. Riqueza, poder e prestígio não são valores que determinam a vida humana em última instância. O bem-estar e um sistema político responsável são importantes, porém são apenas meios que permitem alcançar um objetivo espiritual. No melhor dos casos, são condições que permitem a busca da verdadeira realização. Se fossem um fim em si mesmos, logo conduziriam ao abuso de poder.

Repetindo: Vós tendes em princípio a liberdade de utilizar os impulsos espirituais para vos alçardes a um plano de consciência superior. O mesmo acontece quanto à compreensão da relatividade de todos valores humanos. A este propósito, constatamos quão pouco nossa consciência comum é capaz de apreender uma noção como a de absoluto. A realidade superior escapa ao pensamento, à vontade e ao sentimento; ela é muito mais sutil que todas as manifestações culturais de nossa época. A verdade é sentida, de fato, apenas nas profundezas do ser.

EXISTE, ENTRETANTO, UMA ORIENTAÇÃO VÁLIDA?

Um dos sinais mais marcantes do nosso tempo é sem dúvida a falta de orientação, conseqüência do relativismo, da idéia de relatividade mal compreendida. Os valo-

res tradicionais e confessionais perderam sua força. Em face dos indivíduos, as autoridades representam cada vez menos um papel constrangedor, e a consciência é bombardeada por propagandas e informações de todo tipo. Quando tudo é relativo, a conduta de cada um, as opiniões e o comportamento se tornam arbitrários. Doravante, muitos estão determinados a lutar somente para sobreviver, consagrando-se exclusivamente à família e, quando muito, a alguns passatempos.

Nos séculos passados, no Ocidente, o homem buscador devia desafiar os dogmas da Igreja e do Estado. Se um livre-pensador se desviasse da visão do mundo reconhecida pela sociedade, ele podia certamente esperar por um isolamento total, ou por coisa pior. Na sociedade ocidental pós-moderna, em compensação, ele deve superar a negatividade do relativismo. Unicamente fazendo surgir a fonte interior e reagindo inteligentemente às novas energias e influências divinas é que poderemos progredir. Neste caso, damos à vida uma totalmente outra orientação. Damos, por assim dizer, as costas às incitações virulentas do exterior. Se nos libertarmos delas, as leis exteriores perderão sua ascendência e sua coação sobre nós; adquiriremos uma independência baseada numa experiência íntima de energia criadora; nossa compreensão das possibilidades ofertadas por nossa época não parará de aprofundar-se e acabará por alcançar uma realidade poderosa, concreta e substancial, que nos fará avançar sempre mais no caminho da verdade.

O homem cuja consciência é assim purificada encontra-se no mundo, ele se devota ao serviço do amor universal que emana da energia cósmica fundamental que tudo conduz, e coopera, assim, na Grande Obra da libertação.



A ONIPOTÊNCIA



“Por mais que vos esforceis, jamais sereis capazes de imaginar quão pequeno é um próton e quão pouco espaço ele ocupa. Porque ele é muito pequeno. O próton é uma parte infinitesimal do átomo que, por sua vez, é algo incrivelmente pequeno. Os prótons são tão pequenos que um pontinho de tinta sobre a letra i pode conter mais ou menos 500.000.000.000 deles, ou para ser exato mais que o número de segundos contidos em meio milhão de anos. [...] Suponde, agora, que pudésseis reduzir um desses prótons a um bilionésimo de seu tamanho normal dentro de um espaço tão pequeno que um próton parecesse gigante. Introduzi nesse espaço inimaginavelmente pequeno trinta gramas de matéria. Perfeito: estais no ponto onde um Universo principia.”

Assim começa o livro apaixonante de Bill Bryson *A Short History of Nearly Everything*¹ (Pequena história de quase tudo), onde, com efeito, ele explica “quase tudo” de maneira brilhante. Os físicos e especialistas dizem que o começo do cosmo deve ter acontecido aproximadamente há quarenta bilhões de anos. O Universo ainda conhecerá uma pequena expansão, e logo, antes de uma implosão, atingirá muito rapidamente o ponto de derrocada da matéria densa, denominado “singularidade final”². Aí, espaço, tempo e todas as formas materiais serão aniquiladas. Dentro de pouco tempo, alguns milhares de anos, a vida sobre a terra já não será possível. A longo termo, os cientistas não serão, um dia, bastante engenhosos para salvar o Universo? O célebre físico americano Frank Tipler, em *Physics of Immortality* desenvolve uma estratégia de sobrevivência relativa à raça humana. Tipler parte da idéia de que o homem, no atual estágio biológico, por mais limitado que ele se encontre em todos os sentidos, dispõe, contudo, de grandes possibilidades. Em cada caso, para se adaptar às condições inconstantes da evolução cósmica, ele adquiriu um potencial intelectual considerável. Agora ele deve transformar sua aparência material a fim de poder sobreviver em todos os domínios do Universo. E isso, afirma Tipler, será algo realizável no futuro, graças aos computadores. Por meio de cálculos que ainda não podemos imaginar, todo conhecimento relativo ao Universo será reunido e armazenado em um enorme programa de simulação. Nele, o homem será dissecado átomo por átomo, célula após célula, até o ponto em que se obtenha uma cópia perfeita de uma personalidade em realidade virtual.

“Uma simulação absolutamente

exata é denominada emulação... Então, surge a pergunta fundamental: poderão as imitações dos seres humanos viver? Do ponto de vista deles, sim... Para eles não existe nenhuma possibilidade de verificar se ‘realmente’ existem num computador que tão-somente os simulou. Eles se encontram num programa e, portanto, não têm acesso à sua verdadeira substância, o computador material. É possível imaginar uma simulação perfeita de todo o Universo físico que também abriga seres viventes como no Universo real e que imita perfeitamente a evolução, no tempo, do Universo real”³.

Essa imitação do mundo ofereceria todos os aspectos de um paraíso.

“A simulação do corpo humano será bastante aperfeiçoada em relação ao corpo que hoje possuímos: as leis simuladas do mundo poderão ser mudadas a fim de que a ‘segunda morte’ física, da qual Paulo fala na Primeira Epístola ao Coríntios (15:42-44), não intervenha. Esse corpo simulado e aperfeiçoado será o equivalente do ‘corpo espiritual’, e será feito da mesma substância que o atual espírito humano: um pensamento em um espírito...”⁴.

O DEUS ÔMEGA

Quem programará esse supercomputador onisciente? Quem, finalmente, será o mestre desses mundos chamados à “vida”, onde não existirá a morte? O supercomputador. Evidentemente, um dia, ele cruzará um umbral importante onde ele mesmo criará os programas, tornando-se, assim, uma entidade autocriadora, reproduzindo a si mesmo. Ele recolherá todas as informações do Universo com as quais fará experiências, ultrapassando de longe todas as limitações da inteligência humana. Podemos imaginar

À esquerda:
Modelo da
estrutura de
um próton.

que esse computador acabará por tomar uma forma que ignoramos, fora de toda realidade material conhecida. Ele terá a possibilidade de sobreviver à aniquilação de nosso Universo e de criar por si mesmo outros universos. Conforme Teilhard de Chardin, Tipler denomina ponto ômega o ponto final de concentração, carregado de todas as informações universais do passado.

“Pode-se simplesmente dizer que o ponto ômega é onisciente; ele possui toda consciência do Universo físico (e, portanto, de tudo quanto concerne a si mesmo)”⁵. O Universo vai além de sua própria morte e vive seu renascimento na consciência do deus ômega. Não é necessário dizer que a forma de vida que conhecemos terá desaparecido. Mas esse não é, tampouco, o problema de Tipler. O Universo não surgiu para produzir as formas que conhecemos. Ele apareceu porque casualmente havia no início certas informações: por exemplo, o poder de um átomo de se ligar a outro átomo. No decorrer de bilhões de anos vieram à existência formas discordantes que foram extintas, pois não pareciam viáveis. A manifestação humana foi uma delas, e por isso deverá ser extinta no futuro.

Também acerca dessa manifestação humana, Bill Bryson levantou questões intrigantes. Na introdução de *Pequena história*, ele se pergunta: “No início não deveria existir, bem antes de nossa presença aqui, bilhões e bilhões de átomos errantes que se juntaram de maneira curiosa e complexa para nos criar? Essa é uma organização tão particular e complicada, que jamais poderia ter ocorrido mais cedo e que existirá somente uma vez. Durante os muitos anos que virão (assim esperamos), essas partículas minúsculas trabalharão em conjunto, sem qualquer pro-

testo e em total colaboração, com essas operações sábias, necessárias para conservar o homem e fazê-lo experimentar a condição sumamente agradável, geralmente sub-avaliada, que denominamos existência”.

Tipler não vê nada que seja “sumamente agradável”. Ele dispõe de óculos informáticos: a criação da humanidade é, no final das contas, nada mais que um caso de sinais de mais e menos. Somente a informática sobreviverá. Ele diz: “Na vida, a seleção natural é a informação necessária à nossa conservação”⁶. Em outro lugar, ele continua: “A vida é... a arte da elaboração informática, e o espírito humano, assim como a alma, é o resultado de um sofisticado programa de computador”⁷. Assim como atualmente podemos programar milhões de partículas de informação num minúsculo microprocessador, num futuro muito próximo provavelmente será possível fixar essas informações em alguns átomos que, segundo Tipler, ulteriormente serão suscetíveis de proteger a vida, a despeito de todas as catástrofes. A informática progride, desprovida de objetivo e de sentido.

As idéias de Tipler foram recebidas por seus colegas de forma bastante cética. Contudo, sua lógica é evidente. Nosso cosmo instável não oferece à humanidade senão possibilidades limitadas de vida. Caso os seres humanos não descubram qualquer plano superior que indique um sentido espiritual verdadeiro, somente lhes restará a busca da perfeição na realidade existencial. É necessário que o imperfeito se torne perfeito, que o finito se torne infinito e o saber limitado, saber ilimitado.

A DIVINIZAÇÃO É POSSÍVEL?

Fundamentado no materialismo ci-

Fala-se, por exemplo, do onipoder ou da onipotência de Deus. Portanto, o todo-poderoso é Deus mesmo. Portanto, alcançar a onipotência significa: penetrar até a essência fundamental da Divindade e dela participar. Como a essência fundamental de Deus está sempre associada ao fogo, sendo sempre comparada ao fogo flamejante, compreenderéis que, a partir do momento em que o candidato pode dominar o quinto éter, o éter-ígneo, ele conseqüentemente também domina o núcleo do átomo e alcança, dessa forma, a onipotência absoluta. [...]

Que diremos, então, da onipresença divina? Pois bem, essa onipresença divina, essa força divina está contida no quinto aspecto do átomo. Se o candidato se abre para essa força, ele então se torna uno com o próprio Deus. Ele se torna uno com a essência fundamental da onimanifestação até o átomo. E, em decorrência disso, a força de Deus, a onipotência, se abre para ele.

Rijckenborgh, J. v. e Petri, C. d., *A Gnosis chinesa*. Editora Rosacruz, 2006, cap. 33-II.

entífico oficial, o futuro da humanidade visado por Tipler é tão enganador quanto angustiante. Sozinha, dotada de poderes imperfeitos num mundo em que deve saciar sua sede de saber e demonstrar seu poder, num mundo composto de formas viventes em desordem e sem relações mútuas, a humanidade deve lançar-se num empreendimento audacioso e incerto a fim de obter, mediante grande esforço, numa natureza imprevisível, uma existência ulterior. Mas, o que pensar da perspectiva de uma imortalidade sob o

aspecto de um computador? Contudo, existe uma maneira totalmente diferente de confirmar as palavras de Paulo acerca da ressurreição (versão de Tipler): “Somente num corpo espiritual – a imitação pelo computador – é que a ressurreição será possível, sem a segunda morte: nosso corpo de matéria comum não conseguirá sobreviver ao calor extremo do ponto final”⁸. De fato, “a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus” (I Cor 15:50).

Tipler elaborou uma representação física de Deus, estimulado pela idéia

Reprodução artística de hieróglifos egípcios. David Sandison, Geoff Borin, *The Art of Egyptian Hieroglyphics*, Londres: Hamlyn, 1997.

da ressurreição, comum às grandes religiões. Seu deus ômega nasceu do conhecimento e experimentação das forças evolutivas que fazem surgir e desaparecer todas as coisas. O deus ômega projeta imensos períodos de tempo, e não obstante ele continua sendo um deus criado no tempo e espaço. A esse respeito, Jesus diz: “Eu sou o alfa e o ômega”. Sua atividade tem por fonte a existência do Deus eterno, que, fora do espaço-tempo, desde a origem até o futuro, se revela novamente aos seres humanos. Essa visão da eterna ordem da natureza concede à ressurreição seu sentido real. O homem imortal não poderia ser o produto de um computador, o corpo da ressurreição uma cópia do antigo corpo, e o mundo do Espírito o resultado de manipulações digitais. O homem imortal, a ressurreição, o mundo do Espírito sempre existiram, porém numa dimensão à qual os seres humanos se fecharam.

No mundo da perfeição, nosso domínio de existência foi criado no espaço e no tempo. A transfiguração ocasiona a ressurreição do homem-espírito original em um mundo fora do nosso, mas que tudo penetra: o mundo da vida original eterna. O homem que vive no tempo não consegue conceber a eternidade, porém ele tem dela uma premonição interior. As demonstrações de Tipler dela testificam, por mais desconcertantes que sejam.

A via da ressurreição do homem-espírito é hoje muito concreta. É necessário fazer uma distinção muito precisa entre nossa existência terrestre, o mundo divino e a eternidade. É unicamente na perspectiva da eternidade que se revela a história da temporalidade, a evolução do ser humano e o sentido dessa evolução. Quem não

admite a evolução de uma “personalidade superior”, enquanto admite todos os desenvolvimentos terrestres, vê apenas o que sua consciência comum e imperfeita reflete, e nada mais.

Pessoas como Tipler, que negligenciam a imperfeição humana, podem servir-se inconscientemente de suas intuições, ao passo que o espelho de sua consciência deforma essas intuições e dá-lhes uma aparência comum, que consideram realidade.

PARADOXO DA ONIPOTÊNCIA

Seria arrogância o homem esforçar-se para alcançar a onipotência? A ciência atual tem toda a razão em estimular os seres humanos à pesquisa e nisso aplicar toda sua inteligência. Todavia, o verdadeiro pesquisador deve reconhecer os limites de suas capacidades, pois trata-se de uma questão de inteligência. É preciso que ele se conscientize de que não pode adquirir um verdadeiro saber unicamente mediante o intelecto. Então ele descobre algo um tanto curioso: aquilo de que necessita não está ligado nem à forma, nem ao espaço, nem ao tempo. Trata-se, por assim dizer, de algo que o ser humano, nas condições em que ainda se encontra, não pode alcançar, a menos que encontre interiormente poderes ocultos, ainda latentes, poderes espirituais que, na vida comum, não podem representar nenhum papel. Esses poderes não são determinísticos nem intelectuais, mas viventes, benéficos, e tudo englobam. É preciso aqui acrescentar um elemento especial, um quinto elemento, que até o momento não desempenhou nenhum papel. Os rosacruzes o denominam “quinto éter” ou “éter ígneo”.

Isso é representado de maneira

extremamente sutil na história simbólica da vida de Jesus. Jesus, a imagem sensorial da alma, é incompreendido e rejeitado. Seus atos estão em total contradição com sua grandeza interior. Ele se deixa humilhar, ridicularizar, injuriar e até mesmo ser levado à morte. Aos olhos dos intelectuais, sua força não se demonstra inteiramente. Eles não compreendem o essencial: o poder divino não pode nem quer demonstra-se neste mundo. Mesmo quando se oferece a Jesus a realeza do mundo, ele a recusa. Em um mundo determinado pelo espaço e tempo e que representa para a humanidade apenas um domínio de passagem, a perfeição divina não pode se expressar senão de maneira deformada, corrompida.

DEUS E O DESENVOLVIMENTO INTERIOR

Há cem anos, os físicos descobriram o mundo do infinitamente pequeno, do qual a matéria é formada. Nesse domínio já não reinam as leis físicas que podemos conceber mentalmente. Os átomos, e as partículas ainda mais sutis da matéria e da luz não se comportam de acordo com os pensamentos formados pelas impressões sensoriais. Enquanto isso, após haver conhecido algumas leis dessas partículas, o homem fabrica lasers e transistores. Contudo, essas leis não nos dão atualmente nenhuma imagem compreensível do mundo; enquanto isso, a civilização materialista se patenteia cada vez mais incerta e limitada e a consciência humana fica reduzida a um conhecimento bastante relativo da natureza. Ela apenas pode estudar o aspecto exterior deste mundo. Os processos vitais em si mesmos e as leis da criação são apenas acessíveis mediante o quinto éter: o éter ígneo, que

participa da perfeição divina e atua na alma.

Essa atividade da alma não pode ser apreendida nem pelo cálculo nem pelas especulações teóricas. É simples: se nos abrimos a essa quinta força, ao éter ígneo, podemos experimentá-la de modo consciente. Então, ela nos revela o sentido da existência do mundo e da humanidade. Quando essa quinta força preenche a consciência, já não perguntamos sobre a existência de Deus, pois ele é a essência interior de toda a matéria existente. É o poder da perfeição. Esse poder une tudo o que existe, os átomos de todos os mundos. Deus vive em tudo o que tende à perfeição. Tal é a onipotência divina. E quando os seres humanos se unem interiormente, pela alma e pelo espírito, a tudo que existe, eles se tornam igualmente onipotentes. No Evangelho de Tomé lemos:

*Jesus disse: Aquele que busca, não pare de buscar até que encontre, e quando encontrar, perturbar-se-á; depois, ficará maravilhado e reinará sobre o Universo.*⁹

FONTES:

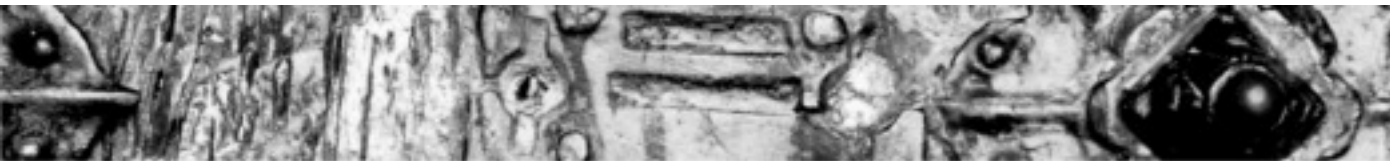
- 1 Bryson, B., *A Short History of Nearly Everything* (Breve história de quase tudo). Londres: Broadway Books, 2003.
- 2 "Singularidade": ponto de concentração infinita e sem volume.
- 3 Tipler, F., *Physics of Immortality, modern cosmology, God and the resurrection of the dead* (Física da imortalidade, cosmologia moderna, Deus e a ressurreição dos mortos). Londres: Macmillan, 1995.
- 4 Idem, p. 299.
- 5 Idem, p. 199.
- 6 Idem, p. 165.
- 7 Idem, p. 163.
- 8 Idem, p. 299.
- 9 Slavenburg, J. e Glaudemans, W., *De Nag Hammadi-geschriften: Evangelie van Thomas*, logion 32-2, p. 270.



A CHAVE



O homem atual já não busca sua salvação no mundo da transitoriedade. Ele sabe muito bem que o essencial deve ser encontrado naquilo que é eterno. Seu pensamento é suficientemente autônomo para penetrar os vestígios das grandes iniciações do passado, que erguem para nós uma pequena ponta do véu. Teoricamente, isso é maravilhoso, mas, e a prática?



HAURI VÓS MESMOS DA FONTE

A tragédia do homem moderno é querer compreender o Espírito e suas estruturas com o intelecto, ignorando, porém, o mistério do coração. E como resultado, a porta permanece hermeticamente fechada para ele.

Muito embora essa chave única esteja “mais próxima que mãos e pés”, permanece uma concepção abstrata, uma noção intelectual como milhares de outras. Ele não pode usar a chave porque ainda lhe falta a visão da porta. Ele é como alguém que chega, em pleno deserto, a um lugar de onde ele próprio deve “haurir” a água portadora de vida, a fim de não morrer de sede. Não lhe basta apenas esperar a chuva na esperança de que suas gotas o refresquem. No deserto de sua vida, o homem deve aprender a haurir por si próprio da fonte interior.

USAR A CHAVE


Não somos nós, a todo instante, objeto da graça do Altíssimo? A peregrinação da humanidade, que se estende por milhões de anos, conheceu muitas quedas, mas continua. Os enviados

sempre desceram a este campo mundial de antagonismos, de multiplicidade, a fim de oferecer ao homem a chave da eternidade. Utilizai essa chave. Não a deixeis enferrujar na caixa das “dez mil coisas”.

Jesus diz, nas primeiras páginas da *Pistis Sophia, o livro do Salvador*¹: “Eu venho do primeiro mistério...” O mistério mais elevado e mais simples é o mistério da luz. Cristo é a luz, o amor e a vida do Universo. Ele é onipresente, o coração da vida original que tudo penetra, o coração do macrocosmo que pulsa em cada microcosmo. Cristo é a Água Viva na cisterna do deserto da vida. A força de Cristo possui uma frequência vibratória que corresponde à do planeta Terra, mas cujo nível ainda é muito elevado para que percebamos. Em outros corpos celestes essa força é conhecida por outros nomes. Contudo, ela é o coração eterno do Universo e se manifesta sempre na tríade luz, amor e vida.

Quem é capaz de liberar em seu coração a força de Cristo – a sabedoria-amor da vida original – pode penetrar profundamente o primeiro mistério. Com essa chave, a porta é então aberta. Uma radiação espiritual

Porta em
Portugal. ©Foto
Pentagrama.



*Baraias, o instrutor,
expõe o que disse Mani:*

“Assim falou meu senhor:
Assim como, até os dias de hoje,
um potro, destinado ao uso do rei,
é treinado por seus criadores
especiais para tornar-se um cavalo
de sela real, sobre o qual o soberano
possa desfilar com toda beleza e
magnificência e realizar seus planos,
assim também o corpo é nutrido
pelo Espírito para fazer o bem.
Foi emprestada uma vestimenta; um
barco foi aparelhado e atribuído ao
melhor piloto a fim de que ele
encontrasse o tesouro no mar; um
santuário foi erigido em honra do
Espírito e o templo mais santo para
revelar sua sabedoria. A criança foi
conduzida ao pleno crescimento, de
modo que Mani, habitando um
corpo, pudesse resgatar os homens
sujeitos aos poderes maus do
mundo e liberar seus adeptos da
sujeição aos espíritos rebeldes, bem
como do poder dos governantes
inferiores. Esse corpo devia-lhe
servir para manifestar a verdade da
Gnosis e abrir amplamente a porta
aos prisioneiros, concedendo-lhes a
abençoada vida eterna...”²

cria ordem nas “dez mil coisas”, na sempre crescente multiplicidade. Então, surge uma estrutura que corresponde a uma lei *espiritual* que estimula fortemente no homem a lembrança da pátria perdida e lhe ensina a compreender melhor sua verdadeira destinação.

O homem parte da idéia de que ele mesmo pode criar mundos com a força da inteligência. Esses mundos, e não poderia ser de outro modo, apresentam as mesmas características que o homem. Eles conhecem medo em face da existência, cupidez, auto-satisfação, sede de experimentações, desejo de poder. Mundos que vacilam à borda de um abismo de autodestruição. Mas vós, apartados desses mundos ilusórios, quebrais os muros das aparências e dos comportamentos egocêntricos que nos prendem ao mundo. Vedes diante de vossos olhos a relatividade do saber e das teorias intelectuais. É um engano acreditar que com isso o homem pode abarcar o Espírito. Voltai-vos para o vosso coração, pois o coração guarda a fonte vivente, a cisterna no deserto da vida.

Tornai-vos silenciosos para que possais ouvir a eloquência da voz do silêncio. Tentai imergir na fonte e, ao caminhar, rejeitai as pedras da indiferença. Purificai o coração e segui, sem tensões, o caminho no qual adquirireis autoconhecimento. Esse é o único trabalho na vida que vale a pena, e por isso merece a primazia sobre os outros. Quem se abre ao mistério interior e vive da força de Cristo liber-

ta-se de todos os medos e dúvidas, cura suas doenças, afasta-se do mundo e pode entrar pela porta aberta no jardim dos vivos. Ele venceu a transitoriedade pela imortalidade.

O CENTRO DO UNIVERSO TAMBÉM É O CENTRO DO MICROCOSMO

Através dos tempos o Espírito estimula esses conhecimentos na humanidade. Após dois mil anos de cristianismo exterior, o tempo da reviravolta chegou: cada ser humano é chamado a voltar seu coração para o coração do Universo, para o ser eterno. Essa é a nova missão. Então o homem compreende: o centro do macrocosmo e o centro do microcosmo são unos. Essa é uma fabulosa certeza que pode tornar-se verdade para cada um de nós. Embora a experiência direta do ser interior talvez não seja realizada imediatamente, o homem pode, no entanto, consagrar-se ao primeiro mistério por meio da fé, da esperança, da confiança e da auto-entrega.

Que significa o “centro do Universo”? Não se trata de uma dimensão espaço-temporal, muito distante, em algum lugar no Universo. O centro do Universo é o mais elevado campo onipresente e onipenetrante do Espírito. Ele irradia em todas as esferas do macrocosmo como um sol que vibra em cada átomo como centelha mais interior. É o eterno inominável de onde emana o eterno princípio Pai-Mãe que gera o Filho, a criação divi-

na. Desse modo, sua luz, amor e vida estão ligados ao uno, inominável centro do campo do Espírito.

Tão logo uma criatura, um “filho”, se separa dessa trindade no Espírito e, mediante pensamentos e sentimentos cria seus próprios mundos e sistemas que não se encontram em harmonia com o coração do Universo, o princípio original mergulha no esquecimento. A criatura já não consegue alcançar outro nível de criação, assim como uma semente não pode germinar se cair num solo árido. Isso também se aplica ao ser humano, pois também nele há uma semente divina. Se, tal como a terra, o coração humano é fértil, essa semente pode germinar e transformar-se numa árvore da vida no microcosmo humano. Assim a criatura é reconduzida ao seu domínio original e é completamente unificada com a pulsação do coração do Universo.

QUE CRIATURA É RECONDUZIDA?

Será a personalidade mais ou menos cultivada, com seus valores intelectuais que é reconduzida? Isso significaria o enxerto de um renovo apodrecido na árvore da vida... Quando o ser humano purifica seu coração desimpedindo-o do fardo das coisas efêmeras e aprofunda o autoconhecimento, a radiação do coração macrocômico verte uma luz vivente no coração microcômico. Alegria, reconhecimento, liberdade e profunda paz partem da tríplice fonte original de



luz, amor e vida. Quem bebe nessa fonte se transforma: as idéias originais do Espírito e a radiação de amor de Deus atuam nele livremente, e a rosa microcós mica desabrocha novamente na árvore da vida.

Os maniqueus davam a isso o nome de “surgimento da pérola na árvore de pedras preciosas de Cristo”.

O primeiro mistério é de um esplendor, de uma pureza e de uma harmonia inconcebíveis.

- 1 Rijckenborgh, J. van: *Os mistérios gnósticos da Pistis Sophia* (em preparação).
- 2 Oort, J. v. e Quispel, G., *De Kenlse Mani-codex* (O codex-Mani de Colônia). Amsterdã: De Pelikaan, 2005, p.116.

CURRICULUM VITAE

Isto deve ter começado pelo comer do fruto dessa famosa árvore, um tipo de droga que nos faria conseguir justamente o que queríamos: um mundo só nosso, um mundo à parte, onde seríamos mestres. Ambição bastante “humana”, e muito natural.

Empregamos aqui as palavras “nos” e “nosso”, pois trata-se justamente de saber até que ponto podemos, no século XXI, identificar-nos com esse lendário incidente no paraíso, que provavelmente é um mito com significado simbólico.

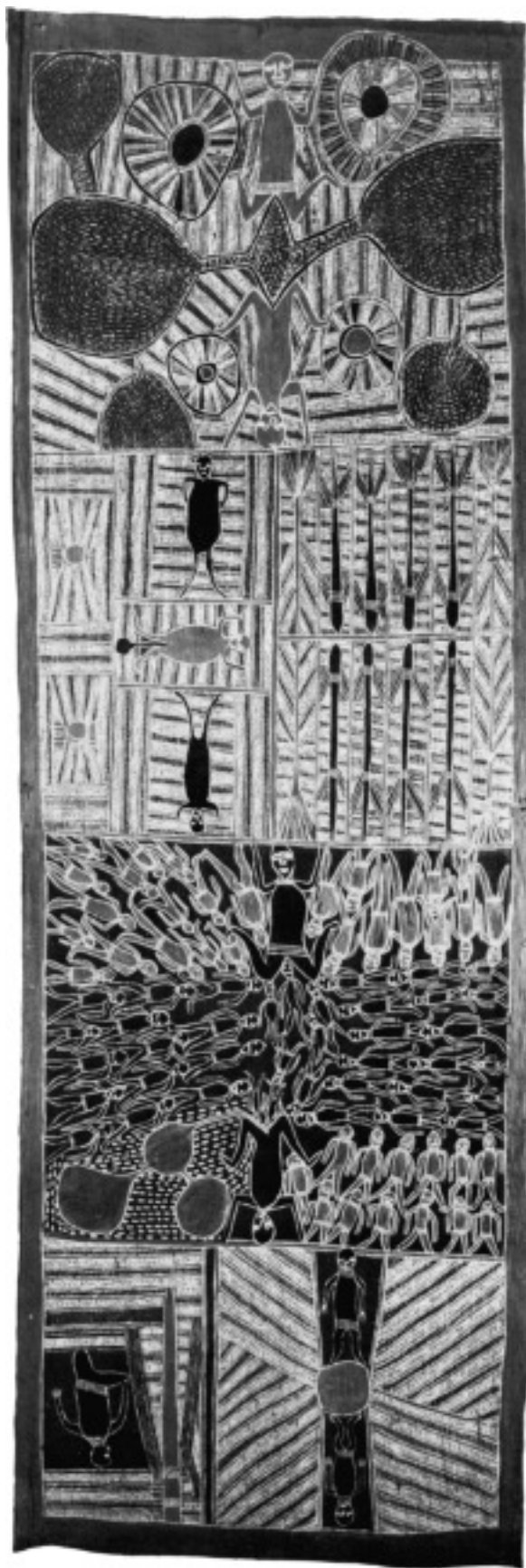
Aparentemente, trata-se de uma aventura na qual todos estamos implicados, e que ainda não terminou. Sim, trata-se de uma aventura perigosa. Essa embriaguez tornou-se um sonho do qual quase nunca despertamos, um sonho às vezes agradável, outras vezes cheio de pesadelos. Encontramo-nos num imenso parque de diversões, lançando gritos de estupefação, sofrendo, porém, tanto desacertos quanto amargas decepções: um inferno com atrações de tirar o fôlego. Ele nos cativou de tal maneira que seguidamente deixamos nele nossa pele para podermos fazer ainda um novo giro, numa outra roupagem, porém sempre mais ricos em experiência... E isso prossegue. A questão agora não é “como sair disto” mas “queremos verdadeiramente sair?”, pois a última pergunta não é tão evidente. Somos seres de origem nobre. A engenhosidade, a coragem e

a perseverança estão gravadas em nosso sangue. Lutamos por um mundo que escolhemos, por um paraíso que nos escapou, pela felicidade e pela justiça. Nosso malogro – melhor dito: o malogro de nossos predecessores – revela-se antes um estímulo para agirmos ainda melhor e darmos provas, em vez de uma razão para refletirmos; pois, em realidade, o paraíso está em alguma parte dentro de nós. Mesmo a idéia de imortalidade não nos abandonou.

Podemos dizer que todo ser possui uma alma, ou um aspecto dela. Fala-se até mesmo de uma consciência mineral. Não existe matéria morta. Porém, só o homem tem algo em particular: uma alma vivente. O Criador deu-lhe toda liberdade, e também uma gota de sua essência. A Divindade fez-se sua companheira, seguindo-o em cada uma de suas experiências, sem julgá-lo. Ela é o guia cujo auxílio nos permite examinar e compreender tanto o mundo divino quanto a natureza terrestre. Essa vida espiritual, seguidamente chamada de “grande alento”, foi-nos ofertada de modo absolutamente incondicional. Eis por que se diz que Deus é amor: força propulsora quase imperceptível, dinâmica fundamental subjacente à consciência de todo ser humano.

MEDIANTE A CRUZ OS DOIS
SE TORNARAM UM

O paraíso aparece às vezes sob a for-



ma do “país dos dois rios”; chega-se mesmo a situá-lo na região do Tigre e do Eufrates, na Mesopotâmia, o atual Iraque. Porém, se nos abriremos à verdade oculta nesses relatos simbólicos, descobriremos que mesmo nosso mundo assemelha-se a um sonho. Nós jamais abandonamos nossa origem, o reino de Deus; pois Deus é *um e único*, e fora dele nada existe.

O “país dos dois rios” é para nós o mundo das duas correntes opostas, tanto tenebrosas quanto luminosas. Somos os habitantes de dois mundos, de duas ordens de natureza. Ligamo-nos alternadamente ora com a luz, ora com as trevas, a matéria. Porém, ambas provêm de uma única e mesma realidade, de uma única e só corrente.

A vida, tal como a experimentamos em nosso mundo, na natureza, é cíclica. Exuberante na primavera, é como uma festa que parece não ter fim durante o calor do verão, acalmando-se, em seguida, no outono, e morrendo no inverno, período de repouso em que se prepara um novo ciclo. Quer se trate de um inseto efêmero ou de uma supernova, o princípio permanece o mesmo: a alternância sem fim da vida e da morte, um combate em que não há vencedores nem vencidos. Nesse pano de fundo, a personalidade humana se parece com uma caixa de ressonância que faz soar não apenas as vozes e o alarido incessantes da terra – repercutidos para o exterior através dos sentidos, e para o interior através do sangue –, mas também a voz do silêncio celeste. É um cruzamento onde todas as influências convergem. Civilizações crescem e desaparecem, estruturas governamentais e sociais se sucedem, idéias e convicções surgem e logo são substituídas, porém, na encruzilhada, a única constante é a rosa, o princípio espiri-

tual. As etapas da história da terra são apenas sinais exteriores da atividade ininterrupta e irresistível da grande corrente, o verdadeiro *curriculum vitae* do Universo: o desdobramento da única vida mais elevada, a vida espiritual.

Existem ainda mais coisas entre o céu e a terra do que podemos suspeitar, e também *na* terra. Um homem possuidor de luz reconhece a luz ali, onde ele menos espera. Por outro lado, essa luz nos mostra também a face desesperadora das duas correntes opostas, em nós e à nossa volta. A cruz é primeiro o símbolo da separação dessas duas correntes que nos governam e nos animam: a voz da terra e a voz do céu. Contudo, à medida que a força dinâmica da grande corrente, do “grande alento” do Espírito, ganha em influência, essa cruz se torna o símbolo da unificação das duas naturezas.

“EU PRIMEIRO – EU TAMBÉM –
EU SOU”

Seria isso possível? É possível falar de unidade no mundo dos princípios opostos, sem partir da dualidade? Aqui a razão deve dar lugar ao coração, ao saber da rosa. As estórias e lendas sobre as duas correntes têm sido continuamente transmitidas, ouvidas com paixão e reconhecidas como algo familiar. Será que o sonho ainda é inexorável e o sono muito profundo? Embora muitas pessoas experimentem a corrente espiritual interior, acham desconcertante a idéia de que possa existir algo além do conhecido; elas apenas conhecem como realidade a natureza e o eu desta natureza. Incessantemente confrontadas com as forças opostas que caracterizam o mundo, e submetidas ao instinto de conservação, não fazem outra

coisa senão lutar por sua existência.

A história da humanidade se parece com a sorte e azar da personalidade, mas que em realidade é a história da alma, do “grande alento” espiritual. Sob a influência da luz, o ser humano passa por uma transformação tripla: *Eu primeiro – Eu também – Eu sou*, o que explica bem o nosso comportamento. No conjunto, podemos descrever o “eu” como um acorde, onde a relação entre os três se modifica constantemente, entre o corpo (ou a personalidade), a alma (ou alma natural) e o Espírito (ou o alento, a alma vivente, ou ainda alma-espírito).

Eu primeiro oferece-nos a imagem notável do tipo de homem que se esgota na luta pela existência, cujo lema é “olho por olho e dente por dente”. Contudo, a força salvadora, “que não dorme nem dormita”, acompanha durante seu sono a personalidade ligada à alma natural, tal como uma força oculta em segundo plano. Podemos comparar esse segundo plano a uma terra nutridora, onde o instinto poderá germinar sob a forma de uma inteligência que, esperamos, se transformará em razão. No decorrer dessas fases é constituída uma base sólida, bem estabelecida na terra, sobre a qual a vida superior estará capacitada a aparecer progressivamente. Porém, a hora da alma vivente consciente ainda não chegou. Não obstante, um saber interior começa a se manifestar sob a forma de uma firme convicção, e de uma consciência que as sucessivas experiências retificam e conduzem à maturidade.

TUDO SE TORNA DIFERENTE

Eu também é o sinal da reversão. A personalidade e a alma natural, que se aproximam dos limites da natureza e

Desenho sobre cortiça, século XX, de Mawela e Mwandjuk Marike representando o mito aborígine da origem dos seres humanos. No alto, as duas irmãs originais a bordo da fonte da vida. Elas encontram seu irmão, Dzanggawul, que plantou as oito primeiras árvores (à direita) com o sol da manhã e da tarde (à esquerda). Abaixo, as duas irmãs dão à luz aos primeiros homens. Em baixo: resumo mais ou menos abstrato do conjunto. Art Gallery de New South Wales, Sydney, Austrália.



percebem a terra prometida delineando-se no horizonte, transcendem as formas e as imagens. Tudo muda. Nessa luz o homem vê quem ele é e de onde vem; ele distingue as verdadeiras proporções da terra, sua beleza e seus horrores. Sua consternação e sua irritação diante das situações inadmissíveis e incompreensíveis do mundo dão lugar a uma profunda compaixão – bem como à seguinte reflexão: “Certamente o mundo se encontra em grande confusão, mas eu também. Agora sei: eu tenho a mesma possibilidade de ligar-me a uma vida completamente diferente. No meu ânimo despertou o desejo pelo reino do Espírito”. A rosa *ilumina* a cruz. O homem não é capaz de alcançar esse outro reino por suas próprias forças; ele pertence inteiramente à terra, e esta o atrai irresistivelmente.

Mas nossa aspiração rompe todas as cadeias! O Pai envia seu Filho: o ser humano começa a compreender como o “grande alento” se manifesta, como ele se liga à alma natural e daí engendra finalmente uma “alma-espírito”. As duas naturezas, as duas cor-

“Pois toda a Gnosis é incorpórea. O instrumento de que ela se serve é o Nous que, por sua vez, tem o corpo como seu instrumento. Assim, encontram ambos lugar no corpo, tanto as atividades que se exercem mediante o Nous como as que se exercem mediante a matéria, pois, do antagonismo e da resistência tudo deve vir à existência. De nenhum outro modo isso é possível.”

Rijckenborgh, J. v., *A arquignosis egípcia*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1989, t. 3.

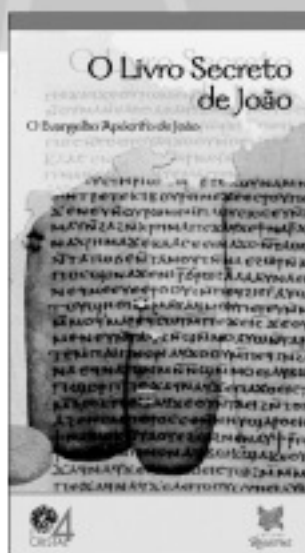
rentes do céu e da terra, de Deus e do homem, terminam por confluir e jorrar da mesma fonte.

Eu sou é a expressão da unidade perfeita do corpo, da alma e do Espírito, a união visada desde o início. E a rosa *irradia* na cruz.

O alento, a alma natural, a alma-espírito, a rosa e a cruz: são tantos nomes e imagens que, por um lado, tendem a explicar o segredo da vida e do “grande alento”, e por outro lado criam uma confusão de línguas comparável à de Babel, quando se aborda essas expressões de modo puramente intelectual. Há a história do homem chamado Jesus. Não existe nenhuma prova de que ele tenha existido. Contudo, em todos os momentos de nossa vida, e nestas exposições, nós o encontramos a cada passo. Não consideramos suas palavras tão-somente como citações bíblicas, mas como reconhecíveis centelhas viventes de luz. Ali onde buscamos a simplicidade do “grande alento”, ali onde *segui-mos* o caminho da luz, nós o encontramos tanto como símbolo quanto como realidade: ele é a força da alma. Mediante essa força tornamo-nos conscientes do amor que torna tudo possível, da *Luz* que nos dá o conhecimento: a Gnosis e a força que permitem tudo realizar. Sem a força da alma proveniente dos domínios superiores, esbarramos incessantemente em nossas limitações; *com* ela atingimos alturas insuspeitas, até transpormos a última barreira, deixando todo sonho para trás.

A “grande aventura” termina então pela união entre o ser humano e a Luz. Essa é a epopéia da Luz. Não há vencedor nem vencido; todas as oposições são abolidas. O campo do Espírito e o ser humano radiam em Luz. Um novo trabalho os aguarda.

© Foto
Pentagrama.



O LIVRO SECRETO DE JOÃO

O evangelho apócrifo de João

Na alma reina um conflito contínuo entre voluntariedade, ignorância e o anseio da alma por livra-se da voluntariedade e de suas conseqüências e retornar à sua origem.

Apenas mediante uma rendição completa e um conhecimento totalmente novo – a Gnosis – a alma pode alcançar seu objetivo: a reunificação com o Espírito.

Esse conhecimento gnóstico está destinado apenas à alma que “não vacila” e, decidida, se esforça por sua origem, sem deixar que promessas falsas das assim chamadas autoridades a detenham e sem hesitar em submeter-se à luz desmascaradora da verdade.

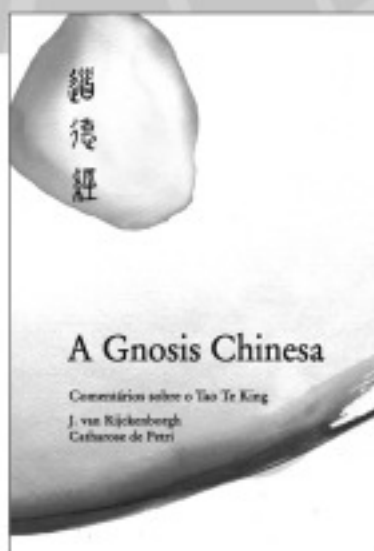
Neste livro, que contém comentários extraordinariamente claros em sua introdução, é revelado a João, a alma buscadora, como a origem e o passado continuam a atuar no presente e no futuro e qual o papel que a Gnosis desempenha no retorno à unidade com o Espírito.



EDITORA
Rosacruz

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13 240 000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel (11) 4016.1817 – fax 4016.5638
www.editorarosacruz.com.br – info@editorarosacruz.com.br

1ª ed. - maio de 2006 – 88 págs.
ISBN 85-88950-34-0



A GNOSIS CHINESA

J. van Rijckenborgh
Catarose de Petri

Comentários sobre o *Tao Te King*

A China milenar foi marcada pelo misterioso testemunho de uma sabedoria atemporal. Trata-se do eterno chamado para o reencontro com o Tao, o absoluto do homem.

Assim como o *Bhagavad-Gita* e os Evangelhos, o *Tao Te King* de Lao Tsé pertence ao patrimônio espiritual da humanidade e representa a síntese da sabedoria gnóstica do Império Celeste.

Segundo a tradição, o Tao é transmitido a “quem está na fronteira”, preparado para escutar a revelação do caminho de retorno ao homem perfeito original, o homem-microcosmo.



EDITORA
Rosacruz

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 – 13 240 000 – Jaruá – SP – Brasil
Tel (11) 4016.1817 – fax 4016.5638
www.editorarosacruz.com.br – info@editorarosacruz.com.br

1ª ed. - abril de 2006 – 496 págs.
ISBN 85-88950-07-3